



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LUCIVÂNIA BATISTA DA SILVA

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-549

Entrevistada: Lucivânia Batista do Silva

Nascimento: 03/06/1975

Local da entrevista: Goiânia - GO

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 19/05/2015

Transcrição: Ayllu Acosta

Copidesque: Ivone Job

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 30 minutos e 15 segundos

Páginas Digitadas: 11 páginas

Observações:

Entrevista produzida para o *Programa Futebol e Mulheres* desenvolvido pelo Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO)

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Início da carreira no futebol feminino em Goiânia; Clubes e campeonatos que participou; Estrutura do futebol feminino no Sport Club Corinthians; Situação financeira das jogadoras brasileiras de futebol feminino; Jogadora da Seleção Brasileira de Futebol Feminino; Tempo de treinadora; Razões pelas quais parou de jogar; Retorno aos estudos; Ingresso na área de segurança; Perigos da profissão; Problemas do futebol feminino no Brasil.

Goiânia, 19 de maio de 2015. Entrevista com Lucivânia Batista da Silva a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Então Lucivânia, primeiro eu queria agradecer o teu tempo para conceder a entrevista porque eu sei que está corrido.

L.S. – Imagina.

C.M. – Eu queria que tu começasse contando como é que foi a sua inserção no esporte, no futebol?

L.S. – Bem, eu sempre gostei de futebol e eu lembro que uma vez eu fui jogar com algumas amigas num campinho no bairro e essa brincadeira acabou virando uma competição de bairro. Montaram-se três equipes e a gente foi brincar. Um belo domingo, o seu Antônio Elias¹, diretor na época do Goiânia Esporte Clube, ficou sabendo que tinha esse torneio. Ele foi lá e me fez o convite, viu o jogo e me convidou para ir para o Goiânia. Aí foi onde eu acabei tomando gosto, acho que eu era bem novinha na época, nem lembro que idade eu tinha. Fui jogar no Goiânia a convite dele. Comecei no bairro mesmo, depois o primeiro clube que eu joguei foi o Goiânia.

C.M. – Quem, além do Antônio... Teve mais alguém que influenciou você a fazer a carreira no futebol?

L.S. – Assim, eu acho que, como profissional mesmo, tudo começou no Goiânia, foi onde eu descobri realmente que eu poderia ser atleta profissional. Na época que eu jogava no bairro, tinha o nosso treinador Vilmar², mas aquilo era mesmo lazer com as amigas. Eu só vim mesmo a acreditar e descobrir o futebol feminino a partir do momento em que eu entrei no Goiânia. Foi quando eu comecei a viajar fora de Goiás, para outros estados, e conhecer a realidade do futebol feminino e onde eu me apaixonei realmente pelo futebol.

¹ Nome sujeito a confirmação.

² Nome sujeito a confirmação.

C.M. – Como era situação do futebol aqui em Goiás?

L.S. – Bem, naquela época era bem difícil. Acho que a visão que se tinha do futebol era outra do que a gente encontrou. Eu imaginava um país cheio de campeonatos, mas não era bem assim, era uma vez no ano e olha lá, quando tinha. A situação sempre foi precária, nunca houve incentivo, nunca houve investimentos no futebol feminino. Tudo começava com brincadeira, às vezes você brincava, você fazia aquilo por amor. Ninguém pensava, na época, em ganhar dinheiro. Você fazia porque gostava de encontrar as amigas e viajar. Depois de um certo tempo que as coisas foram mudando e a gente começou a ter uma visão diferente do que a gente achava que era só lazer, foi onde eu comecei a ver o futebol de uma outra forma. Eu queria sair do Estado, eu queria jogar em outros clubes e acho que fui uma das poucas que teve essa sorte.

C.M. – Na época aqui já tinha o Campeonato Goiano?

L.S. – Já existia o Campeonato Goiano. Acho que... Acho não, tenho certeza e posso confirmar para você que o único estado que jamais deixou de ter um campeonato regional foi o estado de Goiás. A gente disputava o campeonato naquela época, existiam outras equipes, com o tempo ao invés de melhorar, foi piorando. Eu não sei por que, mas as dificuldades foram aparecendo, os clubes foram deixando de ajudar, até chegar a um ponto que sobraram duas equipes. Teve vários anos que a final do Campeonato Goiano era Goiânia e Aliança, Aliança³ e Goiânia, só existiam as duas equipes. Depois, surgiu o Atlético⁴, depois surgiram outras equipes, mais a Universo⁵, mas logo não deram conta de se manter porque as taxas são caras e acabaram desistindo. Aí continuou somente Aliança e Goiânia. Hoje teremos um Campeonato Goiano somente com duas equipes: Aliança e Universo, porque depois do falecimento do seu Antônio, o Goiânia teve uma decadência e praticamente já está no seu final.

C.M. – A Federação de Futebol dava algum apoio para esse Campeonato?

³ Aliança Futebol Clube.

⁴ Atlético Clube Goianense.

⁵ Universo Goiânia.

L.S. – Eu não sei o que é apoio. Eu vou te falar a minha opinião, o que eu vivi, o que eu vejo até hoje. Até dei ideias de que todo estado deve ter a Federação, vou citar o exemplo do estado de Goiás, a Federação Goiânia de Futebol Feminino, a Federação Paulista de Futebol Feminino, para que somente essa entidade tivesse condições de fazer competição, porque a Federação Goiana de Futebol ela dá ênfase no Campeonato Goiano, Brasileiro, pelos clubes Goiás, no masculino tem o retorno e nisso o futebol feminino fica de lado. Para você ter uma ideia, termina o Campeonato Goiano, no final me aparece lá uma pessoa representando a Federação com um trofeuzinho que nem para categoria mirim se dá. Não se tem artilheira, não se ganha medalha, não tem incentivo à atleta. Então, para mim, na minha opinião, a decadência maior vem de quem poderia nos ajudar. Eles que poderiam começar a mudar o futebol feminino dessa forma incentivando, é que não tem incentivo algum, por isso que eu falo que deveria criar as federações somente para o futebol feminino para que aquela entidade ficasse responsável só pelo futebol feminino. Verbas eu acredito que tenham o que precisava são pessoas que tenham peito de pegar e colocar isso.

C.M. – Dentro da sua carreira, quais clubes você teve contrato, quais que você jogou e como você saiu de Goiás?

L.S. – Na época em que eu fui jogar no Goiânia, eu tive o prazer de conhecer o Ademar Júnior⁶ na época treinador da Seleção Brasileira. Ele me convocou para a Seleção Brasileira, eu fui selecionada, só fui convocada depois na gestão do seu Zé Duarte⁷. Logo depois eu encontrei o Ademar, depois eu fui para o Corinthians⁸ através dele e também fui para o Palmeiras. Estrutura de futebol feminino eu acho que nem na Seleção Brasileira eu tive o que eu tive no Sport Club Corinthians. Um clube que deu valor a todas as suas atletas, um clube que valorizava realmente o futebol feminino. O que eu vivi dentro do clube, nem na Seleção Brasileira eu vivi. Um clube que respeitava a atleta, nos incentivava, fui muito bem recebida, saí de lá sem reclamar, sem ter uma palavra de ruim para falar do clube, recebi tudo que eu tinha direito, entendeu? Passei por clubes iguais a São Paulo⁹, Palmeiras¹⁰ também, mas eu acho que a estrutura que o Corinthians deu muito tempo para

⁶ Ademar Fonseca Nogueira Júnior.

⁷ José Duarte.

⁸ Sport Club Corinthians Paulista.

⁹ Sport Club São Paulo.

¹⁰ Sociedade esportiva Palmeiras.

o futebol feminino era coisa de outro país. Se hoje eu tivesse que me perguntar aonde eu gostaria de jogar com certeza não pensaria duas vezes. Na minha época a gente não conseguiu ganhar a Paulistana¹¹, mas em compensação acho que foi uma equipe que ficou na história junto com Ademar Júnior.

C.M. – Quais eram os clubes de destaque nessa época?

L.S. – Nessa época, nós tínhamos o Santos¹², o São Paulo e o Corinthians, que eram os três... Na época, também disputavam Juventus¹³, a equipe do Mackenzie¹⁴, tinham várias outras, a Paulistana era bem... Se eu não me engano, foi em 1997, 1998. Existiam muitas equipes, mas as três em destaque eram essas: São Paulo, Santos e a equipe do Corinthians.

C.M. – Quais os momentos da sua vida no futebol você destacaria? Teve algum campeonato?

L.S. – Acho que a Paulistana quando eu joguei pelo Corinthians foi um campeonato assim... A estrutura que deram naquela época para o futebol feminino, os jogos foram lá no Ibirapuera, a estrutura era o sonho de toda atleta do Brasil, porque naquela época foi uma das melhores épocas do futebol feminino. Eu não conheço hoje como que está a atualidade do futebol feminino, dos clubes lá, acredito que boas também. Eu ouvia falar desse Centro Olímpico que levou a Lorraine¹⁵, mas eu acho que, em termos de estrutura na época, a *Sport Promotion* patrocinava, entendeu? Tinha uma pessoa dentro do esporte, que era o Romeu¹⁶, que gostava também do que fazia. Então, naquela época, tinham pessoas que gostavam do esporte, hoje existem pessoas que trabalham dentro do esporte, então elas pensam, visam o financeiro e, naquela época, eram pessoas que amavam, que faziam por amor. Acho que o destaque, com certeza, é esse ano que eu disputei a Paulistana pelo Corinthians.

¹¹ Campeonato Paulista de Futebol Feminino.

¹² Santos Futebol Clube.

¹³ Clube Atlético Juventus.

¹⁴ Associação Atlética Mackenzie College.

¹⁵ Nome sujeito a confirmação.

¹⁶ Romeu Carvalho de Castro.

C.M. – Como você chegou na Seleção?

L.S. – Na Seleção foi através de um Campeonato Brasileiro que eu disputei na cidade chamada Arceburgo em Minas Gerais. Era cidadezinha do interior e esse Brasileiro foi disputado em 1993. A minha equipe era uma equipe muito carente em todos os sentidos que você possa imaginar.

C.M. – Era o Goiânia?

L.S. – Era no Goiânia na época. Em todos os jogos que a gente participou, apesar das derrotas, eu sempre marcava o gol e eu sempre era o destaque do jogo. Foi quando o Ademar me viu e descobriu e ele me relacionou para ser convocada. Logo depois, ele saiu, e entrou o seu Zé Duarte. Foi assim que começou a minha carreira, acho que eu estava com dezesseis anos nessa época, se eu não me engano. Dezesseis ou dezanove, eu não lembro muito bem.

C. M. – Como era a estrutura da Seleção?

L.S. – Bem, em 1995, a gente não tinha estrutura. Inclusive, na época, nós ficamos hospedadas numa chácara em Indaiatuba que era do SAAD, se eu não me engano, foi o Romeu que colocou. Como eu te disse, chegamos a comer arroz com salsicha, a tomar banho na piscina porque faltava água. Então, em termos de estrutura, somente o pagamento saía em dia porque era a *Sport Promotion* que patrocinava, mas algumas coisas deixaram muito a desejar.

C.M. – Vocês tinham salário, alguma ajuda de custo?

L.S. – Tinha. O salário na época era noventa... Até a gente não ganhava mal, eu lembro bem que, na época, acho que eu ganhava, se eu não me engano, dois mil reais em 1995. Então, não era... A gente se mantinha através desse dinheiro que a *Sport Promotion*

passava para a gente, que acho que era quem patrocinava, acho que não era nem verba da CBF¹⁷. Acho que a *Sport Promotion* passava o dinheiro e o Romeu repassava para gente.

C.M. – Que campeonatos você disputou com a Seleção?

L.S. – Nós disputamos um torneio internacional que foi em São Paulo, foi Brasil, Estados Unidos, Ucrânia e Rússia. Nós acabamos perdendo nos pênaltis dos Estados Unidos. Eu acho que o primeiro jogo ficou um a zero para a gente. Eu não lembro, acho, que foi a primeira vez que o Brasil ganhou dos Estados Unidos no futebol feminino, foi essa vez. O jogo estava eletrizante, foi um campeonato, para gente assim, que foi a primeira vez que a gente, que as americanas... Foi a partir desse campeonato, que os Estados Unidos começaram a mudar a visão, a respeitar, porque eu lembro que ainda nesse campeonato, elas encostavam na gente e se limpavam, tipo assim, né. Assim, uma coisa meio deselegante da parte delas, mas com o resultado do jogo, elas passaram a nos respeitar mais. Infelizmente, no final do jogo, a nossa zagueira se machucou, faltando cinco minutos, e aí entrou uma outra zagueira, mas ela estava bem fria e num lance terrível a Mia Hamm fez uma festa na defesa e acabou decidindo o jogo, mas foi a partir desse momento que acho o jogo mais importante, que as equipes de outros países começaram a respeitar o Brasil.

C. M. – Como você chegou a ser treinadora?

L.S. – Na época que eu cheguei no Goiânia, como se dizia é que você não precisava ter estudo, bastava você gostar e talento. Então, eu comecei como uma brincadeira a treinar a equipe juvenil do Goiânia. Eu bem jovem também, mas eu gostava de tudo que eu fazia e, como era muito curiosa, corria atrás. Eu cheguei a sentar várias vezes aqui na Serrinha¹⁸ para ver o treinamento do time masculino para eu levar para o feminino. Foi através disso que eu fui criando gosto até chegar ao ponto de começar a fazer Educação Física e antes de trancar a faculdade no sexto período, eu fiz a carteirinha do CREF¹⁹ que aí eu era autorizada, mas aí também eu já estava no final. Foi quando eu fui para o Brasileiro sub-

¹⁷ Confederação Brasileira de Futebol.

¹⁸ Estádio Hailé Pinheiro também conhecido como Estádio da Serrinha.

¹⁹ Conselho Regional de Educação Física.

17, ficamos em quarto lugar, tiramos a equipe que era do Corinthians. Aí treinei algumas equipes, trabalhei aqui na Secretaria de Esporte e Lazer oito anos, depois saí, depois voltei de novo, ao todo foram treze anos dentro Secretaria de Esporte e Lazer. Depois, dei aulas em clubes como o Goiás, passei pelo Vila Nova²⁰ também, dei aulas na escolinha do Flamengo²¹ e depois eu resolvi estudar e acabei me apaixonando pela área de Segurança Pública, foi onde eu dei uma parada.

C.M. – Quantos anos, mais ou menos, você tinha quando começou a ser treinadora?

L.S. – Dezenove anos.

C.M. – Bem jovem.

L.S. – Dezenove anos eu já estava treinando a equipe do Goiânia.

C.M. – Você chegou a receber em algum dos times para treinar?

L.S. – Não, somente em escolinhas como a do Flamengo, eu tinha um salário, mais no Goiânia e na Secretaria Municipal de Esporte e Lazer porque a gente trabalhava em bairros, mas clube mesmo, igual ao que eu trabalhei no Goiânia, na época, nunca... Eu não tinha salário nem como atleta, nem como treinadora, a gente fazia porque gostava, porque amava o esporte e só.

C.M. – Durante a sua vida de atleta e treinadora, como que você se manteve? Você conseguiu se manter com a renda que vinha do futebol, pelo jeito só na Seleção, ou tinha algum outro trabalho? A tua família te supria?

L.S. – Na época do Goiânia, que a gente não recebia nada, a gente era dura de tudo quanto é jeito. Que nem eu te falei, a gente gostava da vida de atleta, se viajava, a minha mãe é que dava dinheiro, essas coisinhas. Na Seleção, quando eu saí daqui e fui morar lá, aí a gente já ganhava, já se mantinha lá, mas aqui no estado mesmo, eu nunca me mantive com

²⁰ Vila Nova Futebol Clube.

²¹ Clube de Regatas Flamengo.

o futebol, nunca. Não tive uma vida, como se diz, uma vida boa dentro do futebol, muito pelo contrário, as dificuldades sempre foram grandes, a gente nunca teve condições nenhuma, como a maioria que joga aqui hoje não tem, nenhum mantido pelo futebol. Até vale transporte, que era uma coisa que nós ganhávamos hoje não se ganha mais. Hoje, na verdade, gastam para jogar, jogam porque gostam.

C.M. – Quando você resolveu parar de jogar e por quê?

L.S. – Depois de passar por tudo que eu passei, de conseguir o que eu queria, porque na verdade eu almejava um dia jogar na Seleção, o meu sonho era esse e eu consegui isso muito nova, acho que eu tinha vinte anos na época. Depois, eu fui jogar em clubes grandes, que era minha vontade também. Quando eu estava com vinte e oito anos, eu falei: “Agora chega, está na hora de cuidar da vida”. Aí eu voltei a estudar, fui terminar o meu segundo grau, fui fazer faculdade, fui jogar na equipe da faculdade para ganhar meia bolsa, fui quando eu fui fazer Educação Física. Chegou uma certa hora que saiu concurso público na área de segurança e eu acabei prestando e, depois que eu entrei e vesti uma farda, você acaba mudando a visão da sua vida, foi onde eu comecei a ganhar um dinheiro. É claro que hoje como atleta, eu não ganharia jamais o que eu ganho, nem teria o que eu tenho, acho que foi através disso. Para mim hoje, não só eu, mas a maioria de quem já jogou futebol, se tem alguma coisa, não ganhou do futebol, foi mesmo através do estudo, a maioria hoje é formada, tem outras coisas. As que estão hoje sim, elas estão tentando viver do futebol. Aqui em Goiás, eu posso garantir para você que isso está bem distante da nossa realidade, viver do futebol aqui é impossível.

C.M. – Agora queria que você falasse um pouquinho da sua profissão. O que você faz hoje?

L.S. – Hoje eu trabalho na área de segurança, trabalho num grupo tático operacional, trabalhamos na rua diretamente em contato com o criminoso. É uma profissão difícil, mas eu amo assim mesmo, por conta de muitas ameaças que a gente sofre e também o psicológico, às vezes eu durmo com a arma na mão, às vezes eu ouço um barulhinho, eu já estou com a arma na mão. É uma coisa que acaba te tirando um pouco daquilo que eu tinha no futebol: felicidade, alegria de fazer. Não que eu não goste, eu acho que defender um

irmão próximo é uma coisa muito gratificante, não troco a minha profissão, apesar de ser perigoso, mas a vida é desse jeito, você procura melhorar de vida, aí aparece uma oportunidade dessas, depois que você entra... Acredito que eu vou morrer nas ruas, isso é inevitável, infelizmente, não só por conta de tantas ameaças, eu mesmo tenho várias ameaças porque quando você descobre... Eu tenho três ameaças por crime de pedofilia, por eu prender o cara. São três, dois padrastos e um pai, dentro de casa, e a outra por tráfico de drogas. A gente fechou uma boca de fumo, na época, eu que estava na frente da ocorrência. Então você acaba conversando demais com o criminoso, e ele na verdade acaba marcando sua cara, mas isso não me assusta, porque, se você for parar para pensar nas vezes que o criminoso vai lá e te ameaça, nenhum policial estaria nas ruas. Infelizmente, as ameaças são justamente para isso, para te tirar das ruas. Isso é uma coisa bem tranquila que não me amedronta em nenhum momento. Eu sou uma mulher muito decidida, tudo que eu quis na minha vida, eu consegui. Na época que eu comecei no futebol, jamais uma jogadora chegaria à Seleção Brasileira, eu falei que chegaria e cheguei. Eu fui persistente sozinha, porque o campeonato que eu fiz em Arceburgo foi onde eu assinei o meu passaporte, como se diz, para a Seleção Brasileira. Então, eu sou muito em tudo que eu faço e hoje, através disso, eu gostaria de poder mudar a história do futebol feminino do meu estado. Eu queria muito que isso ajudasse porque aqui as coisas são precárias em todos os sentidos e, como eu disse para você agora mesmo, nós temos tantas atletas em nível de Seleção Brasileira que não precisaria você ficar repetindo as mesmas. Se você pegar a lista de jogadoras hoje da Seleção Brasileira, é eixo Rio e São Paulo. Se a pessoas que tivesse ali dentro, se a CBF tivesse estrutura, você conheceria jogadora no estado de Minas, Rio Grande do Sul, estado de Goiás e outros... No estado do Maranhão. Em todos os outros estados existe, o que não existe é estrutura para que treinadoras olhem, e que fique uma ideia: que eu acho que a federação do estado que deveria promover o futebol feminino, deveria se separar da federação masculina. Nem que fosse lá dentro, mas que houvesse um departamento só por conta disso. Aqui no estado de Goiás, nós dependemos de uma pessoa que trabalha na Federação que mexe categoria juvenil, juniores,... Tratam o futebol feminino totalmente como amador, tem como mudar isso, precisaria pessoas que realmente gostam e que colocariam a frente. Eu acho que isso dependeria de votação, não sei se realmente poderiam os políticos estar envolvidos nisso, mas mudaria, seria uma forma de incentivar os clubes de futebol feminino. Hoje aqui no nosso estado, nenhum dos clubes grandes,

Goiás Esporte Clube, Vila Nova e Atlético, nenhum dos clubes tem futebol feminino, nenhum, infelizmente. Ainda vou ver isso mudar [riso].

C.M. – Tem algo mais que você queira registrar?

L.S. – Bem, eu acho que, como eu sou uma pessoa muito crítica eu falo, eu gostaria que as pessoas que hoje trabalham dentro do futebol feminino que não esquecessem das grandes atletas. O que eu vi a menina... Como é o nome dela? Que você veio a mando dela. A...

C.M. – A Silvana²².

L.S. – A Silvana. Tratar as meninas antigas do futebol, que foram as pioneiras, nosso país esqueceu o que as meninas fizeram, entendeu? Eu tive o prazer de ver a Sissi²³ jogar, a Pretinha²⁴, a Roseli²⁵. A história do futebol feminino está toda, depois que a Silvana e o Edson²⁶, são pessoas que vieram mostrar o futebol feminino. Eu acho que a gente poderia fazer isso mais vezes, que vocês viessem nos visitar no futebol feminino, que nos ajudem a mudar um pouquinho isso. Até hoje eu comentei num grupo de atletas que a gente tem aqui no estado, que eu daria essa entrevista e falaria a respeito disso. A gente queria muito ver o futebol feminino do Brasil mudado, não é difícil... Se você parar, pensar e analisar é tão pequeno em relação ao que gastam no futebol masculino, é tão simbólico o que a gente poderia gastar com o futebol feminino. Você vê um atleta de nível igual ao Neymar²⁷, ganha bilhões, nós temos a Marta²⁸ que não ganha um terço. Então, se você pegar uma atleta hoje e pagar mil reais para ela, ela vai viver “das mais felizes”. É tão pouco, né? Então, eu acho que a gente poderia começar pensando nisso. Às vezes, acho que a estrutura dos clubes não ajuda, mas eu acho que a gente teria uma forma de buscar empresários, pessoas que gostem de esporte, mas precisaria vir de dentro da federação, onde eu te falei que teria que ter um departamento só para futebol feminino. Vou te citar um exemplo: dentro do Estádio Serra Dourada, existem vários espaços de colocar placas lá dentro. Cada

²² Silvana Vilodre Goellner.

²³ Sisleide Lima do Amor.

²⁴ Delma Gonçalves.

²⁵ Roseli de Belo.

²⁶ Edson de Lima.

²⁷ Neymar da Silva Santos Júnior.

um paga cinquenta mil, cem mil, isso que eu estou te falando é verdade, para colocar uma placa dentro do estádio. Existem locais lá vagos, dependeriam do estado, da federação, ajudar as equipes. Se você pegasse cinquenta mil reais, hoje, para ajudar as três equipes de futebol feminino que tem no estado, elas viveriam felizes. Muito pouco! É o que eu te falei, falta de... Chris, queria agradecer vocês pelo convite, o que eu puder ajudar vocês dentro do meu estado, eu ajudo, e também gostaria que vocês nos ajudassem também porque eu acho que isso aqui é muito importante. Não só pra minha geração que passou, mas também pra essas novas meninas porque eu queria muito ver as menininhas pequenininhas que gostam de futebol poder jogar e não verem seus pais discriminar, porque quando a criança fala que gosta, o pai já não quer, entendeu? A gente tinha que mudar isso. Nos Estados Unidos, já começa desde pequena nas escolas. Levaria o futebol feminino, tiraria um pouco essa visão, porque eu acho que pior do que o futebol feminino é a criança usar drogas. Eu trabalho nas ruas e estou cansada de ver isso. Eu gostaria muito de não precisar pegar aquelas meninas e meninos e algemar, eu gostaria de entregar uma bola na mão deles, mas, infelizmente, não é minha realidade.

C.M – Então é isso, Lucivânia. Muito obrigada. Queria te agradecer pela entrevista, pelo material²⁹, prometemos que vamos cuidar muito bem dele.

L.S. – Não tem problema.

C.M. – É muito rico para a gente mostrar que teve uma história que, às vezes, poucos conhecem. Uma história admirável, que precisa ser mostrada um pouco mais, divulgar, pesquisar, também para mostrar para as crianças e aos próprios professores.

[FINAL DA ENTREVISTA]

²⁸ Marta Vieira da Silva.

²⁹ A entrevistada disponibilizou um álbum com recortes de jornais e fotografias para ser digitalizado. Este material está disponível on-line no LUME - Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul